



# REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

# DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

## SECÃO II

ANO XXV — N.º 12

QUINTA-FEIRA, 16 DE ABRIL DE 1970

BRASÍLIA — DF

## SENADO FEDERAL

### ATA DA 12.ª SESSÃO EM 15 DE ABRIL DE 1970

#### 4.ª Sessão Legislativa Ordinária da 6.ª Legislatura

#### PRESIDÊNCIA DO SR. JOÃO CLEOFAS

As 14 horas e 30 minutos, acham-se presentes os Srs. Senadores:

Adalberto Sena — José Guiomard — Oscar Passos — Flávio Brito — Edmundo Levi — Milton Trindade — Cattete Pinheiro — Lobão da Silveira — Clodomir Millet — Sebastião Archer — Victorino Freire — Petrônio Portella — José Cândido — Sígefredo Pacheco — Waldemar Alcântara — Wilson Gonçalves — Duarte Filho — Dinarte Mariz — Manoel Villaça — Ruy Carneiro — Argemiro de Figueiredo — Domicio Gondim — João Cleofas — Pessoa de Queiroz — José Ernirio — Teotônio Vilela — Arnon de Mello — Leandro Maciel — Júlio Leite — José Leite — Antônio Fernandes — Antônio Balbino — Josaphat Marinho — Carlos Lindenbergs — Eurico Rezende — Raul Giuberti — Paulo Tôrres — Vasconcelos Tôrres — Aurélio Viana — Gilberto Marinho — Milton Campos — Benedicto Valladares — Nogueira da Gama — Lino de Mattos — Moura Andrade — José Feliciano — Fernando Corrêa — Filinto Müller — Bezerra Neto — Ney Braga — Mello Braga — Celso Ramos — Antônio Carlos — Atílio Fontana — Guió Mondin — Daniel Krieger — Mem de Sá.

O SR. PRESIDENTE (João Cleofas) — Não há expediente a ser lido.

A presente Sessão, de acordo com requerimento do nobre Senador Dinarte Mariz, aprovado pela Casa, é

destinada a homenagear a memória do ex-Presidente Café Filho.

Com a palavra o Senador Dinarte Mariz.

**O SR. DINARTE MARIZ** (Lê o seguinte discurso.) — Senhor Presidente, Senhores Senadores, ao ascender a esta tribuna, numa oportunidade evocativa como esta, o meu pensamento se volta para a minha província, numa sentida e comovida homenagem póstuma à memória inapagável de um dos seus filhos mais eminentes, daquele que foi o maior entre os maiores, exemplo de humildade e exaltação, sonhador da grandeza de seu País, símbolo de uma época, glória de uma geração: João Café Filho.

Lançando um olhar retrospectivo para a marcha inexorável do tempo, relembrando o meu primeiro contato com Café Filho. O seu nome havia atingido os pináculos da popularidade em todo o Estado, mercê de sua atuação no seio das classes operárias, como bandeira e instrumento de luta das reivindicações de uma gente até então marginalizada das conquistas sociais, para as quais o Brasil começava a despertar, sob o influxo e as inspirações das idéias de justiça social que desabrocharam por todas as civilizações após os últimos grandes conflitos mundiais. Café Filho ergueu em meu Estado o estandarte vitorioso dessas conquistas, fixando o seu marco inicial no meio dos mais humildes trabalhadores de Natal, exatamente os pescadores do Bairro das Rocas, a classe mais desamparada e abandonada, morando num pedaço de chão e mourejando na imensidão do mar, tendo como única carícia o beijo fustigante dos ventos e das ondas e por única lâmpada a luminosidade das estrélas cadentes.

Aí a sua voz rebelde encontrou as primeiras ressonâncias, e os ouvidos dos pescadores passaram a repetir, como os búzios do mar, o eco de sua oratória tumultuosa e revolucionária.

A seu lado se enfileiraram desde logo as classes mais empobrecidas, a quem defendia ardorosamente, e contra elas se colocaram os potentados e detentores do poder, ciosos dos seus imensos privilégios, a quem ele acusava destemerosamente, responsabilizando-os pelos sofrimentos e angústias dos deserdados da fortuna. Essa sua atividade lhe valeu, como era óbvio, a mais ferrenha perseguição, a tal ponto que terminou por ser expulso do Estado, pelo então Governador. Asilou-se no vizinho Estado da Paraíba, numa predestinação e numa antecipação de verdadeiro vidente, pois aquela região se tornaria de futuro o berço de graves acontecimentos nacionais que tiveram como palco aquêle pequenino e glorioso Estado.

Aproximava-se a campanha da Aliança Liberal, e Café Filho nela se integrava de corpo e alma, palavra e ação, para mais tarde se identificar com os postulados revolucionários, tornando-se, pela imprensa, onde militava diariamente com artigos inflamados, e pela tribuna que sempre foi o veículo memorável de suas formidáveis vitórias políticas, um dos líderes maiores da Revolução de 1930.

Não podemos fugir à evocação de alguns detalhes que são imprescindíveis à revelação da imagem do Líder. Deflagrada a Revolução, recebeu do então Capitão Abelardo Castro, do 29 BC, sediado em Santa Luzia do Sabugy, na Paraíba, e meu companheiro de conspiração, a incumbência de organizar uma coluna para ocupar militarmente a importante região do Seridó, e ao mesmo tempo servir de fôr-

## EXPEDIENTE

## SERVIÇO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

EVANDRO MENDES VIANNA

DIRETOR-GERAL DO SENADO FEDERAL

WILSON MENEZES PEDROSA

SUPERINTENDENTE

LENYR PEREIRA DA SILVA

Chefe da Divisão Administrativa

MAURO GOMES DE ARAÚJO

Chefe da Divisão Industrial

NELSON CLEÔMENIS BOTELHO

Chefe da Seção de Revisão

## DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

SEÇÃO II

Impresso sob a responsabilidade da Mesa do Senado Federal

## ASSINATURAS

## Via Superfície

Semestre .....	NCr\$ 20,00
Ano .....	NCr\$ 40,00

Número avulso .....

O preço do exemplar atrasado será acrescido de NCr\$ 0,02

## Via Aérea

Semestre .....	NCr\$ 40,00
Ano .....	NCr\$ 80,00

NCr\$ 0,20

Tiragem: 27.000 exemplares

ca auxiliar das tropas armadas sob o seu comando, que seguiriam com destino a Natal.

Sabia o Capitão Abelardo da existência de vultosa quantidade de fuzis e munições em Caicó, minha terra natal e centro de operações das minhas atividades, deixados ali pelo Governo do Estado, quando da incursão da Coluna Prestes, que passara nas suas proximidades. Tendo havido desencontro de seu emissário com a minha pessoa, e sabedor no sábado, 4 de agosto de 1930, do desencadeamento da Revolução, coloquei-me em contato com elementos de vanguarda na Paraíba, que estavam à frente do movimento revolucionário, e despachei como pessoa de ligação o Dr. Adauto Maia, que depois seria desembargador em Pernambuco e por várias vezes Presidente dos Tribunais de Justiça e Eleitoral daquele Estado.

Antecipava-me, assim, às instruções que posteriormente viria a receber. A esta altura instalava-se em Natal a Junta Governativa, composta do Tenente-Coronel Luiz Tavares Guerreiro e dos Capitães Júlio de Peruse Pontes e Abelardo de Castro. De imediato

fui chamado ao telefone pelo meu companheiro e chefe revolucionário, Capitão Abelardo de Castro, que me comunicava a minha nomeação para Prefeito de Caicó e solicitava a indicação de outros nomes para prefeitos de municípios da região do Seridó, que tinha como capital e quartel-general a cidade do Caicó. Soube, nessa oportunidade, que a Junta Governativa teria recusado o seu apoio a Café Filho para que este se investisse nas funções de Interventor, e na mesma ocasião fui convocado a comparecer a Natal, onde estava sendo esperado o General Juarez Távora, à testa de numerosa caravana militar, figurando entre eles o então Tenente Juracy Magalhães. Chegando a Natal, assisti à entrada triunfal de Juarez Távora e sua comitiva, quando este falou a uma entusiástica multidão que se acotovelava em frente ao edifício dos Correios e Telégrafos. Nesse momento fui convidado pelo Capitão Abelardo de Castro para acompanhá-lo à residência do Desembargador Silvino Bezerra, meu primo-irmão, figura exponencial da vida potiguar, credor do maior respeito dos norte-riograndenses, pelas suas excepcionais

qualidades de caráter e honradez. Seguimos em companhia do Dr. Irineu Joffily, participante da Comitiva Juarez e que mais tarde viria a ser Interventor do Estado. O trajeto do local do comício até o local da residência do Desembargador Silvino Bezerra foi feito em automóvel de minha propriedade e a visita ao Desembargador tinha por objetivo convencê-lo, em nome da Revolução, a aceitar a Interventoria, já que recusara o convite anteriormente formulado pela Junta Governativa. O Dr. Irineu Joffily fôra seu colega de turma e acreditava no êxito de sua interferência, superando as resistências do magistrado. O Desembargador Silvino Bezerra era irmão do então Senador, ex-Deputado Federal e ex-Governador José Augusto Bezerra de Medeiros, e sobrinho afim do Governador deposto Juvenal Lamartine de Faria. Presenciei, nessa ocasião, um diálogo impressionante, que jamais seria por mim esquecido. O Dr. Irineu Joffily, vencido em todos os argumentos aduzidos perante o seu antigo colega de Faculdade, recorreu em derrota instância ao sentimento do parentesco, para induzir o Desembargador a aceitar a Interventoria, de-

clarando achar irrelevante ou de somenos importância essa questão, justamente a alegada para respaldar a recusa do convite. Foi então quando o Desembargador Silvino Bezerra, encerrando definitivamente a entrevista, em tom compungido e solene, declarou: "Desgraçado do povo que não respeitar o sentimento de família". Não é preciso esclarecer que o Desembargador, convidado para assumir o Governo Estadual, era sobrinho afim do Governador deposto pela Revolução. Com estas palavras terminava a visita e eram formalizadas as despedidas. Raro e tocante exemplo de renúncia e dignidade, tão difícil nos dias tempestuosos que viveu o País durante a República passada.

Quando regressávamos ao prédio onde se achava acampada a Caravana Juarez Távora, vi um homem bem moço, agitado e nervoso, vestindo terno branco e chapéu de palhinha, muito em moda naquela época, dirigir-se irrequieto para o Dr. Irineu Joffily, indagando o resultado da visita. A resposta foi concisa: "O Silvino não aceitou". O semblante do homem de branco modificou-se com a notícia e naquela hora anteviu um passo valioso para a realização do seu objetivo. O homem de branco era Café Filho, a quem conhecia pela primeira vez e a quem fui no mesmo instante apresentado pelo Capitão Abelardo de Castro, com as seguintes palavras: "Conhece o nosso bravo companheiro, Prefeito de Caicó?" Café Filho fitou-me com ar de surpresa, para logo em seguida pedir-me que o procurasse em sua moradia, pois desejava muito trocar idéias comigo. Pelas primeiras conversas mantidas verifiquei, de imediato, que não iria existir termo de convivência entre a minha pessoa e a do Líder Revolucionário. Havia de sua parte uma desconfiança com relação a mim, talvez alimentada pelo pressuposto de ser eu, dentro da Revolução, elemento radicalmente ligado às Forças do Exército, com as quais ele já tivera alguns atritos e divergências. Por outro lado, a sua desconfiança talvez se nutrisse no fato de ver em mim uma vinculação por laços de família ao sistema oligárquico até então dominante. Tudo isso porém não me impediu de procurá-lo em outras ocasiões. Embora destacasse sempre o meu parentesco com figuras políticas que a Revolução destronara, não es-

condia o desejo de que eu me tornasse um representante seu na liderança política da poderosa e altiva região seridoense. A política do meu Estado, conforme previra, ficou durante algum tempo subordinada à orientação dos dirigentes paraibanos, tendo à frente o Dr. Antenor Navarro, a quem Café Filho se vinculara durante o seu exílio naquele Estado.

Irineu Joffily investiu-se na Interventoria, substituindo a Junta Governativa, provocando rompimentos entre os revolucionários, para em poucos meses ser sucedido pelo então Tenente Aluisio Moura. Nessa oportunidade já eram profundas as discordâncias e ao lado do governo ficavam apenas alguns líderes, dentre os quais Café Filho, já que a maioria tomara novos rumos, desencantada com a ditadura que se implantava ostensivamente no País, frustrando os ideais que animaram o movimento histórico de 30. Os dissidentes, por mim liderados, tomaram o destino da luta, cairam na conspiração, e em 1932 São Paulo deflagrava a refrega, incendiando em todo o País o espírito da mais pura rebeldia cívica. Foi uma seqüência de combates, de legiões de voluntários, de entreveros sangrentos, de mortes anônimas, de prisões, de angústias, de vitórias e derrotas.

Permiti-me o relato sucinto desses acontecimentos que maracaram a vida do País e do meu Estado, para assinalar o momento de meu encontro com esse homem lendário que foi Café Filho, e poder contar com minúcias e detalhes os episódios culminantes de uma existência rica de conteúdo humano e de atos da mais autêntica bravura e do mais ascendendo patriotismo.

Estivemos em campos opostos, depois juntos, ambos lutando, nas trincheiras cívicas dos nossos ideais, o combate mais puro e sem tréguas, em defesa dos princípios que julgávamos certos para a grandeza e o prestígio da democracia e de nossa terra.

Posso dizer, como testemunha ocular que fui, a partir desse encontro memorável, que Café Filho foi um bravo e um forte. A semelhança do estribilho inesquecível dos versos em que o poeta maior de nossos sentimentos nativistas cantava a bravura do guer-

reiro, posso dizer também: "Meninos, eu vi"...

Sim, Senhores Senadores, eu vi.

Vi Café Filho de lenço branco na mão, cabelos revoltos, olhar iluminado, subir e descer as ladeiras das Rocas e das Quintas, na minha bem amada cidade do Natal, conduzindo multidões patetizadas pelo mistério de seu verbo, em romarias gigantescas, noites e madrugadas, cantando hinos de liberdade que falavam de amor, de paz, de pão e de felicidade.

Vi Café Filho nas barricadas, baleado e ferido, fazendo do seu sangue a semente que germinaria o fruto da sua vitória. Vi-o acusando os poderosos, os violentos, os desumanos e os despotas, com a arma maior que sempre usou, a palavra feita de fogo, que fazia tremer as muralhas dos ditadores.

Vi Café Filho nas tribunas forenses, advogando os humildes, os desmiliados, os ofendidos e humilhados, os perseguidos e injustiçados, e sem possuir os diplomas acadêmicos dominava a tribuna com a maestria dos doutores e o brilhantismo dos jurisconsultos.

Vi Café Filho no Parlamento, eleito Deputado Federal com o mais alto coeficiente eleitoral já atingido por um homem público em meu Estado, eleito só pela cidade do Natal, que o fez seu ídolo e seu líder incontestável. Vi-o na Câmara Federal ser escolhido sucessivamente pela imprensa o mais combativo e eficiente representante do Congresso Nacional. Vi-o travar os mais terríveis embates tribunícios e vencê-los com a galhardia e a coragem dos que lutam tocados pelo ideal de uma causa sublime.

Vi-o com um discurso apenas derubar um Ministro de Estado, discurso de um só, sem bancada a liderar.

Vi-o enfrentar os mais categorizados esgrimistas da palavra e fazer vitoriosos os seus pontos de vista, com a força única de sua dialética formidável e o prestígio e a autenticidade de suas convicções invencíveis.

Vi-o polemizar com os mais respeitáveis vultos do Parlamento e terçar armas com a elegância de um estilista e com a beleza de linguagem de um clássico. Sabia falar ao povo das

Rocas e aos pretórios mais altos da inteligência pátria.

Vi Café Filho alçado à Vice-Presidência da República, sufragado ao lado de Getúlio Vargas, e ali exercer o cargo com a dignidade de um nobre romano, ele que era um plebeu do subúrbio mais pobre de Natal. A Vice-Presidência, sob sua gestão, ganhou a altitude e elevação que jamais tivera. Ele soube dar dimensão política e humana ao cargo, transformando-o de mera posição decorativa e de substituição eventual, em departamento dinâmico da administração. Nessa condição visitou o mundo interior, levando a todos os recantos a imagem fiel do nosso País, celebrando despertando governos e povos estrangeiros para os problemas e as realidades de nossa Pátria. Vi-o, na Vice-Presidência da República, alheiar-se às questiúnculas e rivalidades partidárias, ele que era um temperamento inflamado e irquieto, para se tornar uma expressão do poder moderador, encontrando o denominador comum entre os anseios populares e as condescendências do poder.

**O Sr. Vasconcelos Tôrres** — V. Exa. permite um aparte?

**O SR. DINARTE MARIZ** — Pois não, Sr. Senador.

**O Sr. Vasconcelos Tôrres** — Na história política brasileira a figura de João Café Filho é singular. Homem de contato com o seu povo e campeóníssimo na atuação parlamentar, destacou-se, em determinado período da nossa agitada vida política, primeiro, como Líder, depois como a figura contraditória. Líder porque, combatendo um regime, foi o autor da frase imortal, hoje título de livro e matéria de pesquisa dos nossos sociólogos e daqueles que estudam a ciência política: "Lembrai-vos de 37". Paradoxalmente, depois, ele que dera o brado de alerta contra a ditadura, uniu-se ao chamado ditador, eu faço questão de dizer "chamado ditador", porque, por uma dessas contingências brasileiras, embora não quisesse a ditadura, era obrigado a exercer o regime forte. Posteriormente, deu as mãos àquele a quem combatera violentamente, na linguagem mais violenta de que se tem notícia neste País, porque Café Filho era o exem-

pllo do parlamentar combativo. E, como a memória do povo é fraca, muito fraca, aliás, João Café Filho foi Vice-Presidente da República justamente de Getúlio Vargas. O aparte é de homenagem, mas permita V. Exa. situar as contradições a que, às vezes, o político é levado, porque, como dizia um conterrâneo meu, a política é uma espécie de calendário — num dia se diz uma coisa, num outro se faz outra. Mas houve determinada linha de coerência na vida de João Café Filho. Assumindo a Presidência da República, revelou sua inteligência, porque apelou justamente para o povo, lamentando a morte daquele a quem iria suceder, o saudoso Presidente Getúlio Vargas. Considero que a homenagem é de sentimento, mas pediria permissão a V. Exa. para fazer um destaque especial ao político brasileiro que João Café Filho encarnou. Não há possibilidade de coerência na vida política. A coerência, aliás, segundo se diz filosóficamente, é inadmissível, porque, às vezes, defendemos determinados pressupostos filosóficos e, no dia seguinte, temos de contradizê-los. E ele fez isso. Peço permissão a V. Exa. — que é o autor da homenagem — para a ela me associar, dizendo que João Café Filho foi o exemplo típico do deputado. Foi o pionheiro dos requerimentos de informações; ninguém fez mais requerimentos de informações, no Brasil, até hoje, que João Café Filho. No Palácio Tiradentes, impressionava o fato de ele receber não apenas elementos do seu Estado natal — o Rio Grande do Norte. Foi um líder na Guanabara: os homens do subúrbio, das zonas mais pobres da antiga Capital Federal e da área situada em meu Estado — a Baixada Fluminense — encontravam sempre nêle um atendimento carinhoso. Tinha uma capacidade de diálogo que não conheço igual no País. Eu poderia dizer muito mais. Não poderia V. Exa. ficar no monólogo, neste instante, e procurei estabelecer um diálogo em torno desse homem que homenageamos e que, através dos seus feitos, mostrou que a fragilidade da alma humana do político se embute perfeitamente dentro da vida latino-americana. Ele foi o homem do dia, o homem da hora, um homem que soube compreender o pensamento do seu povo. E o Rio Grande do Norte,

que V. Exa. tão dignamente representa nesta Casa, deve ter orgulho de haver tido um filho de tal categoria, com tanta dimensão, cuja biografia ainda deverá ser escrita quando se contarem os episódios desde 30, desde 37 até o dia de hoje. O livro de memórias de Café Filho, aliás, conta muita coisa — eu tive oportunidade de ler.

Quero, neste instante, associar-me às homenagens requeridas por V. Exa. É o Estado do Rio dando um abraço no Rio Grande do Norte, nessa Sessão de referência ao grande brasileiro.

**O SR. DINARTE MARIZ** — Muito grato a V. Exa. pelo aparte. Apenas devo discordar quando se referiu à divergência de atitudes do homem cuja memória homenageamos, nesta hora. Tendo sido ele companheiro do ex-Presidente Getúlio Vargas, em 1930, quando da revolução para derrubar o sistema então dominante, posteriormente, foi seu companheiro de chapa dentro do regime democrático, pleiteando perante o povo brasileiro uma eleição direta e, sobretudo, popular. Tenho a impressão de que não há nenhuma incoerência nesses dois episódios. Ao contrário, parece que eles se ajustam perfeitamente: o homem que auxiliou a derrubar um regime oligárquico depois se reconciliou, não com o ditador, porque nessa hora o ex-Presidente Getúlio Vargas era apenas um cidadão brasileiro pleiteando uma eleição direta, pelo povo, democrática. Então, o Sr. João Café Filho, indicado pelo seu partido, figurou na chapa encabeçada pelo Presidente Getúlio Vargas.

**O Sr. Clodomir Millet** — V. Exa. permite um aparte?

**O SR. DINARTE MARIZ** — Com prazer.

**O Sr. Clodomir Millet** — No momento em que V. Exa., falando em nome do Senado, no brilhante discurso que está pronunciando, homenageia a memória de João Café Filho, quero associar-me a esta manifestação, como Senador e especialmente como maranhense, trazendo a solidariedade de meu Estado. Conheci Café Filho em 1949, quando ingressei no Partido Social Progressista, do qual foi fundador. Acompa-

nhei-o, quando candidato à Presidência da República, nas suas excursões pelo meu Estado. Café Filho já era muito conhecido no Maranhão, principalmente na Capital, onde teve uma votação espetacular, àquele tempo para Vice-Presidente da República. Conheci-o como Deputado Federal, e tornamo-nos amigos naqueles dias tormentosos que se seguiram ao suicídio de Getúlio Vargas. Sempre me distinguiu com as melhores demonstrações de afeto e me dava um tratamento todo especial, já pela amizade que nos unia, quer por representar, como élle, durante muito tempo, em pequeno Estado sofrido do Norte e do Nordeste. Posso declarar a V. Exa. que é inteiramente procedente o argumento com que rebateu aquela observação feita pelo nobre Senador Vasconcelos Tôrres. De fato, Café Filho, que lutou ao lado de Getúlio Vargas em 1930, participou como seu companheiro de chapa nas eleições de 1950, candidatando-se a Vice-Presidente da República pelo seu Partido, o Partido Social Progressista, que o escolheu justamente para companheiro da chapa de Getúlio Vargas. Ele representou, naquele momento, o partido que era coligado do outro, ao qual pertencia Getúlio Vargas. Não há, por conseguinte, nenhuma incoerência. Nós, políticos, sabemos que, muito mais que nossos próprios interesses, em todos os tempos e em todas as ocasiões, defendemos os interesses coletivos, especialmente aqueles dos partidos a que nos uniamos. V. Exa. tem, com o meu parte, a solidariedade do meu Estado e a minha própria ao magnífico discurso que está pronunciando, neste momento, em homenagem à memória de Café Filho.

**O SR. DINARTE MARIZ** — Agradeço a V. Exa. a gentileza do aparte.

**O Sr. Lino de Mattos** — Permite V. Exa. um aparte?

**O SR. DINARTE MARIZ** — Com muito prazer.

**O Sr. Lino de Mattos** — Fui companheiro do Presidente Café Filho na fundação do Partido Social Progressista. É com satisfação que dou meu testemunho, fazendo minhas as palavras do nobre colega, Senador Clodomir Millet. Compreendi, como certamente V. Exa. e a Casa compreenderam, o

verdadeiro sentido das observações feitas pelo nobre Senador Vasconcelos Tôrres, que teve a cautela de afirmar não ter visto nenhuma incoerência no comportamento político do saudoso estadista, Café Filho. Coube-me a tarefa, hoje histórica, de integrar a comissão que foi à Fazenda Itu, em São Borja, no Rio Grande do Sul, para dar conhecimento a Getúlio Vargas da deliberação tomada pelo meu partido, então partido também de Café Filho, lançando sua candidatura à Vice-Presidência da República, na chapa encabeçada por Getúlio Vargas. Antes, já participara de conversações para convencer Café Filho da necessidade partidária de aceitar élle aquela investidura. O receio então apresentado por Café Filho era exatamente a posição que tomara, durante vários anos, de combate à orientação política de Getúlio Vargas. Convencido por nós, os seus companheiros, de que se tratava de uma disputa democrática, através das urnas às quais Getúlio Vargas se submetia, não viamos incoerência de espécie alguma. Tratava-se, repito, de irmos buscar o veredito popular, a decisão do povo. Mas, voltó à lembrança de que participei da comissão que foi levar a Getúlio Vargas a deliberação tomada pelo Partido Social Progressista. E tenho bem presente à minha memória, como se tivesse acontecido há segundos, a conversa com Getúlio Vargas; a maneira como recebera a nossa indicação, as referências excepcionalmente elogiosas ao passado político de Café Filho, e como Getúlio Vargas recebia aquela indicação, como a aplaudia sem restrições, e como gostosamente o fazia, porque, afirmou Getúlio Vargas naquele momento, sentia-se honrado em ter a seu lado político daquela estatura moral para secundá-lo na Presidência da República. Este o depoimento que desejo conste do discurso oportuno que V. Exa., nobre Senador Dinarte Mariz, profere neste instante, em preito justíssimo à memória de um autêntico estadista, político excepcional que honra a classe política. A Nação está lembrada do episódio que se seguiu à morte de Getúlio Vargas. Se se fizesse, naquela oportunidade, um levantamento da opinião pública, certamente a resposta seria unânime: Café Filho não assumiria a Presidência

da República nas circunstâncias em que se havia verificado a tragédia de Getúlio Vargas. Mas, o homem excepcional que o Senado hoje está homenageando, discreta e corajosamente, deixou seu lar modesto e, a pé, foi até o Palácio do Catete e assumiu, no silêncio daquela dor que invadira a Nação, a Presidência da República. Dos militares, que àquela época combatiam Getúlio Vargas, por respeito a Café Filho, não houve reação alguma; e Café Filho continuou. Os acontecimentos posteriores são da História. Ninguém os ignora. Fiz questão de prestar este depoimento como companheiro que teve a satisfação e a honra de ser companheiro de Café Filho na fundação do Partido Social Progressista. Com estas palavras ficam também registradas as homenagens à memória de Café Filho, que transmito — tenho a certeza — em nome da Bancada paulista no Senado da República.

**O SR. DINARTE MARIZ** — Sou muito grato ao aparte de V. Exa., Senador Lino de Mattos, que reputo valioso às homenagens que ora prestamos à memória de Café Filho.

(Lendo.)

Sim, Senhores, eu vi. Vi Café Filho elevado à mais alta culminância da República, empossado na Presidência, após a tragédia do suicídio de Vargas. Vi Café Filho exercer a suprema magistratura do País com o equilíbrio e as virtudes mais excelsas de um predestinado. Jamais pensara em chegar ao poder, élle que era um acusador costumário de todos os poderosos. E em chegando soube exercitá-lo com a estatura de um estadista. Vi-o organizar sob seu comando um dos mais gabaritados Ministérios que a República já teve. Vi-o enfrentar o melindroso problema da reforma monetária e cambial e suspendê-la na véspera de sua execução ao saber que convivas do seu gabinete presidencial jogavam elevadas quantias e especulavam negócios e lucros astronômicos nas flutuações da Bólsa. Vi-o triunfalmente recebido nos braços do povo português, que enxergava no então Presidente a expressão mais lídima do brasileiro genuíno e comum, do homem sem valdades, imagem e semelhança do seu povo. Vi-o corrigir várias opiniões e tendências, que na

tumultuada mocidade chegaram a po-  
voar suas fantasias. Ao regressar de  
uma das viagens ao exterior, obser-  
vando e analisando costumes e gover-  
nos, declarava: "Corrigindo uma ten-  
dência socialista, que animava mi-  
nhas campanhas políticas, retornoi  
convencido da necessidade de esti-  
mular a iniciativa privada no âmbito  
interno... e, no plano exterior, da  
necessidade de realização de uma po-  
lítica de portas abertas para acionar  
nossa desenvolvimento".

**O Sr. José Ermírio** — Permite V.  
Exa. um aparte?

**O SR. DINARTE MARIZ** — Com  
muito prazer.

**O Sr. José Ermírio.** — Tive a honra  
de conhecer o Presidente Café Filho  
no dia 4 de junho de 1955. S. Exa.  
honrou-nos com sua presença na  
inauguração de nossa fábrica de alu-  
mínio em Mairinque, Estado de São  
Paulo. Recebêmo-lo com o operariado  
feliz, pois conhecia bem seus princi-  
pios democráticos. Na reunião, quan-  
do tive a honra de saudá-lo, disse  
a S. Exa.: "Esta luta vem de dez anos,  
suando sangue; mas, Exceléncia, não  
pedimos favores, nem federais, nem  
estaduais, nem municipais. Nessa luta,  
V. Exa. vai ver, quase todo mundo,  
com exceção da Itália, nos deu um pe-  
queno apoio para que se fabricasse  
alumínio, no Brasil." Isto o comoveu  
de tal forma que ele ficou para o al-  
móço; e neste, lembro-me bem de que  
um abacaxi foi posto na mesa e a ele  
apresentado para "descascar o aba-  
caxi da nova Presidência da Repú-  
blica". Ele achou interessante a referê-  
ncia. Homem da personalidade de Café  
Filho, atendeu a convite de um hu-  
milde brasileiro — não político, que  
não era político — lutou esses anos to-  
dos para dar uma fábrica de alumínio  
ao Brasil. A sua presença comoveu-  
nos profundamente, e até hoje vene-  
ramos com respeito o exemplo de au-  
toridade e dignidade que deu ao Bra-  
sil, trabalhando pelo bem-estar de to-  
dos nós.

**O SR. DINARTE MARIZ** — Muito  
grato a V. Exa. pelo aparte, tão oportuno,  
sobre a vida de Café Filho.

(Retomando a leitura.)

Vi Café Filho repelir, em encontro  
realizado nos jardins da Gávea Pe-  
quena, que se prolongou até a madru-

gada, a insinuação de eminente ho-  
mem público de projeção nacional,  
político de um grande Estado e diri-  
gente do Partido mais forte de então,  
no sentido de lhe ser atribuído o pa-  
pel de coordenador de uma candida-  
tura de união nacional, pois para tan-  
to contaria com os governadores da  
Bahia e de São Paulo, evitando-se,  
assim, o lançamento do nome do Sr.  
Juscelino Kubitschek, já esboçado, e  
as possíveis dissidências que provoca-  
ria dentro de suas próprias hostes  
partidárias. Esse comportamento ini-  
cial, de recusa terminante de qual-  
quer iniciativa que viesse a compro-  
meter o seu governo no campo das  
especulações políticas, não foi dife-  
rente do final que, por incompre-  
ensão, motivaria o seu afastamento  
do poder.

Vi Café Filho, nos dias que ante-  
cederam à moléstia que o levaria ao  
hospital e à licença, manter comigo  
um diálogo que merece ser rememor-  
ado para o devido registro, na crô-  
nica dos tempos. Após um jantar  
com parlamentares na Gávea Peque-  
na, onde costumava passar os fins de  
semana, solicitou-me que o aguardas-  
se para seguirmos juntos, em meu  
automóvel com destino ao Rio. Fi-  
zemos o percurso lado a lado, a sós.  
Juscelino fôra eleito e as notícias de  
que não se empossaria dominavam  
os comentários da opinião pública. No  
próprio Gabinete Presidencial, o Che-  
fe da Casa Civil e o da Casa Militar,  
além de figuras de destaque político  
que o freqüentavam, não eram es-  
tranhas ao assunto. Tive oportunida-  
de de perguntar a Café Filho: "Então,  
Presidente, vamos para o golpe?" Res-  
pondeu-me com outra interrogação:  
"Como?" Relatei-lhe o que ouvia diá-  
riamente nos Gabinetes do Palácio,  
ao que aduziu: "Com que contam pa-  
ra tal?" E acrescentou: "Neste País  
só as Forças Armadas, numa crise,  
têm condições de dar um golpe de Es-  
tado, ou o Presidente contando com  
a colaboração destas. Não existe uma  
coisa nem outra. Ademais, já dei ins-  
truções ao Ministro da Guerra, homem  
forte — acrescentou — para armar o  
dispositivo necessário a fim de asse-  
gurar a posse do eleito". O Presiden-  
te Café Filho manteve, assim, rigorosa  
coerência com a sua primeira ati-  
tude quando recusara interferir no  
problema sucessório. Meses depois o

próprio General Henrique Teixeira  
Lott me confirmava a atitude do  
pranteado Presidente.

Vi Café Filho, na Presidência da  
República, retirar minutos da sua in-  
cessante atividade, para voltar às  
origens e refletir sobre os problemas  
de seu querido Rio Grande do Norte.  
Vi-o autorizar o estudo e celebrar o  
convênio para a implantação da ener-  
gia de Paulo Afonso no meu Estado.  
Vi-o estudar e debater a melhoria do  
porto de Natal, através de sua desob-  
strução, e as soluções que preconizava  
naquela época eram as mesmas que a  
técnica contemporânea vislum-  
bra. Vi-o determinar as medidas para  
a construção dos portos telesféricos  
de Macau e Areia-Branca, para a pa-  
vimentação da estrada Natal—Mosso-  
ró, para as obras das barragens dos  
açudes Oiticica e Santa Cruz, que  
possibilitariam a irrigação dos vales  
de Açu e Apodi. Vi-o mandar cons-  
truir o imponente edifício-sede do  
IPASE, em Natal, e o Hospital dos  
Pescadores, no Bairro das Rocas,  
além de vários entrepostos de pesca  
no litoral do meu Estado e inúmeras  
escolas para os filhos dos homens do  
mar. Vi-o adotar as providências ne-  
cessárias para a fixação, no Rio  
Grande do Norte, do 3.º Batalhão de  
Engenharia e Construções, unidade  
militar que tão relevantes serviços  
vem prestando ao meu Estado, ao  
Nordeste e ao Brasil. Vi-o profunda-  
mente preocupado com os maiores  
problemas que pudessem modificar a  
infra-estrutura do Estado, a fim de  
aparelhá-lo para a arrancada do de-  
senvolvimento.

Vi Café Filho convocar-me para  
disputar uma cadeira senatorial e vi  
também, naquela época, o seu grande  
cuidado em pacificar a política norte-rio-grandense, através da divisão  
equânime dos postos eletivos entre os  
principais líderes das duas maiores  
agremiações — UDN e PSD — que  
buscavam aguerridamente a conquista  
da hegemonia política do meu Es-  
tado. Vi-o igualmente, um ano depois,  
recrutar-me outra vez, desta feita pa-  
ra a governança do Estado, ressalvan-  
do, em palavras solenes, que seria a  
sua derradeira ingerência nas ques-  
tões de ordem política que diziam  
respeito ao Rio Grande do Norte.

Senhor Presidente, Senhores Sena-  
dores; vi Café Filho — e aqui a me-

mória se torna nebulosa pela dor e pela tristeza — tombado, ferido, prostrado, vencido e emudecido pela enfermidade que lhe atingira o imenso e desmesurado coração. Ele que sempre perorava em seus discursos com os versos de Castro Alves: "A praça é do povo, como o céu é do condor", ele ali estava em seu leito, condor lanceado, pássaro de asas partidas, silêncio e incomunicabilidade. Vi sua casa cercada em novembro de 1954, e fui o primeiro a transpor o círculo de isolamento e visitá-lo em seu modesto apartamento do Pôsto Seis. Vi-o deposto do poder, por não querer se submeter às pressões dos que haviam empolgado o comando da Nação, sob o pretexto de defender a democracia. Vi-o dizer um "Não" ressoante e histórico ao seu Ministro da Guerra, sabendo que naquela negativa estavam comprometidos o seu destino e a sua posição. Mas entre um "Não" com dignidade e um "Sim" desmoralizante Café Filho jamais hesitaria, fiel às suas origens e à sua formação.

Vi Café Filho alijado da Presidência da República, em situação de penúria e pobreza, contabilizando o seu orçamento doméstico em companhia de sua estremosa e dedicada esposa, e chegando à conclusão de que teria de fazer cortes profundos nos gastos que já eram pequenos, para ter condições de se manter. Foi então que nos reunimos, alguns amigos seus, dentre os quais participei com muita honra, e mobilizamos um pequeno capital investido em determinada empresa, para que ele desempenhasse um cargo de direção e fizesse jus a uma retirada mensal de 30 contos. Dentre as medidas drásticas de economia familiar, dispensara os serviços da casa e chegara ao extremo de retirar o filho de um colégio particular para matrículá-lo em uma escola pública, pois não podia pagar a anuidade. Foi ai que os dirigentes do Colégio Marista, sabedores do fato, mantiveram em seu estabelecimento escolar o filho do ex-Presidente, sem cobrar as prestações. Quando cheguei ao Governo do Estado, encaminhei mensagem ao Poder Legislativo, estipulando uma pensão mensal de 30 contos em seu favor, que ele viria a renunciar quando nomeado para o Tribunal de Contas da Guanabara, na gestão do ex-Governador Carlos Lacerda.

Apesar de tamanhas dificuldades e percalços, vi Café Filho recusar uma embaixada que lhe fôra oferecida pelo Presidente Juscelino, coerente com o comportamento adotado no decurso de seu Governo, só permitindo a nomeação de embaixadores de carreira.

Vi Café Filho desinteressar-se por uma senatória pelo Rio Grande do Norte, à época de minha gestão governamental, quando o próprio Ministro da Guerra — General Teixeira Lott — não escondia o seu interesse por essa solução.

Vi Café Filho levando uma existência tranqüila e moderada, forçado pela doença incurável, mas em seus olhos tenuamente enevoados ainda havia o brilho adolescente que se acendia na evocação de sua mocidade revolucionária. Ninguém mais incomprendido, até por muitos conterrâneos, pelas suas inocultáveis e incomparáveis virtudes. Em todos os postos e cargos pelos quais passou foi sempre verdadeiro e autêntico. Como Líder de massas, jornalista panfletário e tribuno popular ninguém o igualava. Era um lutador perfeito. Como parlamentar não havia quem polemizasse e debatesse com tanto ardor e entusiasmo. No poder era um estadista acabado e completo.

Vi-o conviver com pescadores, operários, intelectuais, ministros e embaixadores. Em cada situação que se encontrava era o homem talhado para o cargo, honrando-o e dignificando-o. Se sabia maquinar as tramas contra os poderosos, utilizando os artifícios e as investidas que o seu talento vislumbrava, melhor ainda sabia defender-se, desfazendo as intrigas e urdiduras dos que procuravam comprometer a sua missão. Em todas as ocasiões, porém, há uma constante, uma tônica que caracteriza a sua invulgar personalidade: é o que Afonso Arinos chamou de a "sua imaculada probidade". Sim, porque Café Filho foi acima de tudo um homem probo. Devolhe a minha indicação para o governo do meu Estado. Deixei o Senado para governar minha terra, atendendo a insistentes pedidos seus, pedidos que se converteram numa imposição. Disputei a governança contra o poder estadual dominante, como candidato de oposição, e a bandeira maior de minha luta foi o nome de Café Filho.

Orgulho-me e ufano-me de haver mantido com ele, até o último momento de sua gloriosa controvértida carreira, uma amizade que não podia ser medida, definida nem qualificada.

Mas, Senhores Senadores, encontrava-me ausente, no meu Estado, e não vi, afinal, Café Filho, em seu leito de morte, definitivamente vencido pela insidiosa doença que o acometera na Presidência e o marginalizara dos embates partidários. Não o vi morto, cercado pela veneração e o respeito da República, chorado pelos seus amigos de sempre e engrandecido até mesmo no conceito dos que o combatiam. Não o vi morto para a vida que ele tanto amou, mas o vi renascido no afeto, na estima e na memória do seu Estado e do seu país, e principalmente do seu povo que conhece a sua história e reverencia o seu exemplo, exemplo de uma vida, que no dizer de Munhoz da Rocha, foi fiel a si mesmo, à sua vocação e ao seu destino.

Sim, Senhor Presidente e Senhores Senadores, tudo isso eu vi e só o instante extremo deixei de ver. Sou a testemunha maior de sua vida. E tal foi dito pelo próprio Café Filho, na dedicatória de seu livro autobiográfico: "Ao prezado amigo Dinarte Mariz, companheiro de muitas lutas e testemunha viva de minha vida política no Rio Grande do Norte e no âmbito nacional, com estima e agradecimento".

Como testemunha maior de sua vida posso dizer que Café Filho teve o fim de um deus grego, derrubado do Olimpo e condenado a passar a existência entre a sombra e o silêncio, ele que era o orador das praças e o líder das ruas, das multidões e das clarinadas. (Muito bem! (Palmas.) (O orador é cumprimentado.)

**O SR. PRESIDENTE** (João Cleofas) — Tem a palavra o nobre Senador Bezerra Neto.

**O SR. BEZERRA NETO** — (Não foi revisto pelo orador.) Sr. Presidente e Srs. Senadores, o eminente Senador Dinarte Mariz, em expressões as mais completas e felizes, retratou a figura de João Café Filho.

Cabe a nós, por delegação do Movimento Democrático Brasileiro, trazer a nossa adesão ao discurso do

eminente representante potiguar e à manifestação oficial do Senado.

Sabemos, Sr. Presidente, que homens políticos à moda de João Café Filho não teriam acesso nos dias em que vivemos. Não faço tal afirmativa com sentido de desapreço à presente realidade, mas por exato conhecimento do quadro e do regime que atravessamos. Em primeiro lugar, o Sr. João Café Filho, de origem humilde, que muito bem define a sua trajetória política no título de um seu livro, "Do Sindicato ao Catete", não teria, sem dúvida, no sistema atual, de defender sua posição, através dos comícios nas praças públicas, nos sindicatos, na tribuna parlamentar, com inteira liberdade de ação, a escolher, numa variedade de legendas partidárias, e não nas do bipartidarismo a que estamos cingidos, aquêle Partido pelo qual manifestava os seus pontos de vista.

É certo, Sr. Presidente, que não é possível catalogar pontos de vista e ideias as mais diferentes em duas únicas siglas. Café Filho foi de um tempo que havia algumas dezenas de Partidos, e tanto assim que chegou a se candidatar à Vice-Presidência da República, representando o Partido Social Progressista, em aliança com o Partido Trabalhista Brasileiro, enquanto outros Partidos apresentavam também os seus candidatos à Presidência e à Vice-Presidência da República.

Uma situação dessas não se poderia, absolutamente, concretizar no atual sistema jurídico-político.

Sr. Presidente, se não cabia, como não cabe, a aliança partidária nestes dias, aliança esta que deu o veículo necessário para que um homem de origem humilde, de política popular como Café Filho, alcançasse a Presidência da República, também não seria possível, nos dias que vivemos, que um autêntico representante do mundo político, para usar o termo restritivo dos nossos dias, um representante típico da classe política, pudesse ter uma ascenção daquelas que alcançou o nosso homenageado.

Sr. Presidente, homenageamos João Café Filho como uma evocação de algo substancial e grandioso, que é

um político, um homem essencialmente político. Duvídamos que um homem dos nossos dias subisse ao pôsto maior da Nação, no debate livre das ruas, nos comícios, usando frase como as que Café Filho gostava de repetir, de Castro Alves: "A praça é do povo, como o céu é do condor". Não sei também, Sr. Presidente, se os nossos dias restritivos estão mais certos que os dias do passado. Não sei ainda se foram os políticos que nos conduziram aos dias restritivos de um novo processo. Mas o que eu sei é que exemplos como o do Sr. João Café Filho merecem a nossa meditação e o nosso respeito, muito especialmente porque ele foi o que nós chamamos um autêntico; simplesmente ele foi um político e, por ele ser simplesmente um político, esse homem que chegou à Presidência da República, ao sair da cúpula, dêsses ápicos, necessitou de emprêgo público para poder viver.

**O Sr. Carlos Lindenberg** — Permite V. Exa. um aparte? (Assentimento do orador.) Quero, em meu nome e do povo do Espírito Santo, associar-me às homenagens que estão sendo prestadas ao ex-Presidente Café Filho. Estou absolutamente solidário com as palavras que V. Exa. vem pronunciando, bem como com as palavras do eminente Senador Dinarte Mariz, que, como V. Exa., fez um estudo profundo sobre a vida do homem e do político que foi João Café Filho. Conheci-o nos idos de 1934, quando da primeira Constituinte, e aprendi a admirá-lo pela sua inteligência, pela sua capacidade de discutir e, por que não dizer, pela simpatia que inspirava a todos, através dos seus atos e o seu modo de agir. Acompanhei depois sua vida, até que chegasse à Presidência da República. Como disse V. Exa., e esclareceu o nobre Senador Dinarte Mariz, veio ele de uma família pobre; galgou todos os postos por esforço próprio, o que demonstra que, neste País, qualquer um que revele capacidade, pelo seu esforço e sua inteligência, pode sair das camadas mais pobres e ascender aos mais altos postos, como temos os exemplos de Café Filho, Nilo Peçanha e tantos outros. Quero, entretanto, recordar aqui o que me vem à memória, neste instante: quando era ele Presidente da República, eu e o Deputado Álvares Castelo

pedimos uma audiência para fazer-lhe uma visita. Estava Café Filho passando uns dias na Gávea Pequena e rebeu-nos com a familiaridade de sempre, não nos deixando sair enquanto não chegassem outras pessoas para audiência. Naquela conversa dizíamos ele: "Fui da Oposição durante trinta anos. Critiquei todos os Governadores da minha terra, como também todos os Presidentes da República da época, durante esses trinta anos. Agora estou no Governo e verifico que, mesmo com o poder, o Presidente da República muitas vezes não pode fazer o que desejaria. Agora posso aquilatar como fui injusto com muitos Governadores e Presidentes; conhecendo a situação de um Presidente da República, eu jamais atacarei qualquer um que esteja na chefia do Executivo, quer estadual, quer federal." Realmente, deixando a Presidência da República na situação em que deixou, nunca mais ele atacou quem quer que estivesse no Executivo. João Café Filho foi um exemplo e por isso mesmo nós estamos homenageando, como devíamos fazê-lo, a sua memória. Quero me juntar a todas as homenagens, em meu nome e em nome do Espírito Santo, para dizer também da nossa saudade de João Café Filho.

**O SR. BEZERRA NETO** — V. Exa., Senador Carlos Lindenberg, fala com muita autoridade, autoridade de um político militante de largo período na vida brasileira, como todos nós sabemos. Fala, sobretudo, como membro fundador e participante permanente do extinto Partido Social Democrático, que foi, sem dúvida alguma, a grande força de equilíbrio, de sustentação, vencendo as maiores e complexas dificuldades do sistema democrático surgido depois da Segunda Guerra Mundial. V. Exa. fala com muita autoridade e se ombreia com o exemplo de João Café Filho, como homem de política, como homem de partido.

**O Sr. Ruy Carneiro** — Permite V. Exa. um aparte?

**O SR. BEZERRA NETO** — Com grande prazer, nobre Senador.

**O Sr. Ruy Carneiro** — O Senado ouviu um trabalho magnífico sobre a vida de João Café Filho, produzido pelo eminente Senador Dinarte Mariz,

como um líder político do seu Estado e do Nordeste. Agora V. Exa., em nome do nosso Partido, se associa às homenagens do Senado da República ao ex-Presidente João Café Filho, e não posso deixar de dar o meu aparte ao discurso de V. Exa., associando-me como paraibano, como nordestino e como amigo que fui de João Café Filho. No final da sua vida pública, houve um afastamento nosso. Mas desde que ele foi para a Paraíba, em 1929, — antes de o Presidente João Pessoa ser assassinado — com a mocidade que àquela época fazia a vanguarda da luta de 1930, privou conosco, porque naquela oportunidade eu dirigia o *Correio da Manhã*, diário que se editava em João Pessoa, e mantivemos boa amizade. Veio a luta de 30. Após a revolução, foi ele para o Rio Grande do Norte e eu fiquei na Paraíba. Sempre continuamos a manter a maior cordialidade. Durante todo o tempo em que o conheci, senti sempre seu profundo afeto pelo Rio Grande do Norte. Neste ponto, ratifico os conceitos emitidos pelo nobre Senador Dinarte Mariz sobre as diferentes etapas da vida pública de Café Filho. Na Vice-Presidência da República e na Presidência do Senado, mantivemos grande cordialidade, sempre fui muito distinguido por sua estima e consideração. Hoje, o Senado lhe rende homenagem, e quero dar minha solidariedade e dizer que João Café Filho era um lutador excepcional, um homem de grande inteligência, de coragem e, sobretudo, apresentava aquela faceta que o Senador Dinarte Mariz citou, dada à sua personalidade pelo ex-Senador Afrânio de Melo Franco: a probidade. Era um homem de grande probidade, daí ter saído do poder inteiramente pobre.

**O SR. BEZERRA NETO** — Ouço, com toda atenção e compreensão, o aparte de V. Exa., Senador Ruy Carneiro.

**O Sr. Mello Braga** — Concede-me V. Exa. um aparte?

**O SR. BEZERRA NETO** — Pois não.

**O Sr. Mello Braga** — Não posso deixar de me associar às manifestações de simpatia à pessoa de Café Filho, nesta oportunidade. O Senador Dinarte Mariz retratou muito bem a figura do grande homem público. Mas

eu me vejo na obrigação de, aparteando V. Exa., manifestar o agradecimento do Paraná à figura do grande brasileiro. Café Filho foi meu companheiro na Constituinte de 46. Quando eu debutava, vamos dizer assim, na tribuna daquela Casa, foi o Deputado que mais me aparteou, no discurso que ali proferi sobre o problema rodoviário nacional, e seu Plano. Terminados os debates, quando desci da tribuna, Café Filho, com aquela sua simpatia toda pessoal, me testemunhava ter aparteado para dar mais vida, mais calor e mais interesse ao assunto palpitante que eu sustentava no momento. Fizemos amizade sólida no período de 46 a 50. No dia 30 de novembro de 1949, Paulo Baêta Neves, Antônio José da Silva e eu, militantes todos nós do Partido Trabalhista Brasileiro, dirigimo-nos ao Rio Grande do Sul para falar com Getúlio Vargas sobre sua candidatura. Estivemos na Fazenda de Espenilho, no Município de Itaqui, fazenda que Getúlio tinha em sociedade com um de seus irmãos. Ali chegamos no mesmo dia em que Gabriel Pedro Moacir, do Partido Social Progressista, levava a palavra de Adhemar de Barros, então Governador de São Paulo e um dos nomes focalizados, na época, para solução do problema sucessório de 1950, dando-nos a segurança de que Adhemar de Barros não seria candidato à Presidência da República, mas que levaria ainda aquél estado de tensão até 3 de abril, data da desincompatibilização. As eleições seriam a 3 de outubro, ele deveria desincompatibilizar-se até 3 de abril, mas levaria essa tensão até esta data, embora reservasse para o Partido Social Progressista a Vice-Presidência da República. Daí saímos, já em novembro de 1949, na certeza de que Getúlio Vargas seria candidato, e que o nome de Adhemar de Barros seria levado até 3 de abril. Foi, efetivamente, o que aconteceu. Adhemar deixou passar a data sem desincompatibilizar-se. Em maio, o Partido Trabalhista Brasileiro lançava Getúlio Vargas como seu candidato à Presidência da República, sem entretanto falar na Vice-Presidência. Isto porque Getúlio pretendia percorrer o Brasil e tinha preocupação quanto à sua segurança. Havia certos rumores na época, e ele pretendia ter "as costas quentes" — vamos usar essa expressão —, até certo ponto, ao fazer

sua campanha em determinados Estados da Federação. Posteriormente, naquela reunião do Partido Trabalhista Brasileiro, com o nome de Café Filho já indicado pelo Partido Social Progressista, Lourival Fontes, Danton Coelho e eu saímos da Rua Álvaro Alvim, no Rio de Janeiro, fomos à casa de Café Filho comunicar que, naquele dia e naquela hora, o Partido, em Ata, havia adotado sua candidatura para a Vice-Presidência da República. A amizade que mantivemos com S. Exa. foi das maiores, e o Paraná é sumamente grato àquele grande brasileiro. Foi Café Filho, praticamente, quem descobriu o Paraná, dando-lhe, depois do Império, dois ministérios: primeiro, o da Saúde, na pessoa de Hermes de Ataíde, e depois o da Agricultura, na pessoa de Bento Munhoz da Rocha Neto. O Paraná, até então, nunca tinha tido ministro em nenhum governo da República. O Paraná é grato a Café Filho e cultua sua memória, e nós o fazemos, em nome da Bancada paranaense, associando-nos às manifestações, neste momento, àquele grande vulto brasileiro.

**O SR. BEZERRA NETO** — V. Exa., com muito documento, comprova as atividades meritórias do nosso homenageado e as suas ligações estreitas com o Estado que V. Exa. representa.

As palavras, aqui ouvidas, dos Senadores Dinarte Mariz, Carlos Lindenberg, Ruy Carneiro, Lino de Mattos e outros antigos e persistentes militantes da política brasileira, representam mais que manifestação de apreço à memória do Presidente Café Filho; definem, Sr. Presidente, a manifestação, eu já não diria de saudade, mas, de homenagem ao político brasileiro, ao injustiçado, ao caluniado, ao injuriado político brasileiro. Nós, quando homenageamos Café Filho, prestamos o nosso preito de saudade ao estadista que desapareceu. Mas, nesta oportunidade, reverenciamos o que, de modo um tanto quanto desdenhoso e depreciativo, passou-se a chamar *classe política* brasileira. V. Exa. mesmo, Sr. Presidente, Senador João Cleofas, é um autêntico, um digno representante dessa geração, desse mundo político, que não me sinto bem em chamar "classe".

O exemplo de Café Filho é a grande homenagem ao verdadeiro político do Brasil, homem que teve seus dias e

suas noites para a política, para a luta partidária, para o debate dos problemas do funcionário, do operário, do eleitor, do cidadão brasileiro. Homem que não teve suas noites e seus dias para cuidar de sua vida pessoal. Com um exemplo dêste, com uma vida assim vivida, nós homenageamos Café Filho, e nêle o político brasileiro. (Muito bem! Muito bem! Palmas. O orador é cumprimentado.)

**O SR. PRESIDENTE (João Cleofas)**

— Esta Presidência associa-se às homenagens prestadas à memória de Café Filho, autêntico homem do povo, autêntico homem de luta, que formou o seu caráter de lutador intimorato naquela região hostil que é o Nordeste brasileiro. O Presidente Café Filho, fiel a essas origens, foi como demolidor e, depois, como construtor, um exemplo que devemos tomar de maneira memorável para guiar a vida política brasileira.

A Presidência fará as devidas comunicações à família do saudoso brasileiro.

**O SR. PRESIDENTE (João Cleofas)**

— Lembro aos Srs. Senadores a Sessão especial, amanhã, em horário normal, atendendo a requerimento do nobre líder do Governo, Senador Filinto Müller, destinada a homenagear a memória do Sr. Deputado Monsenhor Arruda Câmara.

Está encerrada a Sessão.

(Levanta-se a Sessão às 16 horas e 10 minutos)

TRECHO DA ATA DA 11.ª SESSÃO, REALIZADA EM 14-4-70, QUE SE REPUBLICA POR HAVER SAÍDO COM INCORREÇÕES NO DCN (Seção II) DE 15-4-70, À PÁGINA N.º 323, 3.ª COLUNA.

.....

.....

**O SR. PRESIDENTE (João Cleofas)**

— O Sr. Senador Vasconcelos Tôrres enviou à Mesa discurso pára ser publicado na forma estabelecida pelo § 2.º do art. 201 do Regimento. S. Exa. será atendido.

É o seguinte o discurso enviado à Mesa:

Senhor Presidente,

Senhores Senadores:

Tenho repetidas vezes, nesta Casa, abordado o problema do desmatamento sistemático que vem sendo feito no Brasil, praticamente desde o Primeiro Século da colonização.

Ao longo do tempo, o ritmo das derrubadas vem apenas aumentando. No Centro-Sul, Estados como o de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro estão hoje com as suas reservas florestais reduzidas a um mínimo e ninguém precisa ser técnico para saber que essa ausência de florestas traz um perigoso desequilíbrio ao meio natural em que vive o homem, comprometendo-lhe as condições primárias de sobrevivência.

De há muito nos habituamos a ouvir, no País, brados de alarme com relação ao assunto. Discursos, livros, campanhas, comemorações do dia da árvore... nada disso logrou interromper até agora a marcha inexorável desse desnudamento progressivo do território brasileiro.

Todos os que transitam pelas estradas do País estão habituados ao espetáculo rotineiro dos caminhões carregados de lenha ou de carvão vegetal, rumando morosos e ragedores para os centros de consumo... Prosseguimos, pois, nessa destruição irracional de uma riqueza sem preço...

Entre as boas medidas tomadas no plano federal para a modificação desse quadro, eu citaria, Senhor Presidente, a técnica do incentivo fiscal, aplicada, como estímulo ao florestamento. Mas ainda é cedo para registrar resultados concretos.

O problema vem, felizmente, também, preocupando a outros setores administrativos do País. Aqui estou, exatamente, para registrar o que está dito em estudo apresentado por uma firma de assessoramento técnico, contratada pela Secretaria de Agricultura de meu Estado, para promover a uma avaliação global do desenvolvimento da agropecuária no seu território.

Diz o estudo a que me referi que o Estado do Rio de Janeiro é meio ex-

celente para o reflorestamento por causa dos chamados "planos não agricultáveis" existentes nos municípios de Parati, Santa Maria Madalena, Teresópolis e Resende.

Dirijo daqui o meu apelo ao Secretário de Agricultura do Estado do Rio de Janeiro, para que não se limite a ouvir a informação que lhe foi em boa hora encaminhada pelos técnicos, mas que na mesma se inspire ou se apoie para programar e objetivar, com urgência, um plantio maciço de espécimes vegetais de rápido crescimento nos referidos "planos não agricultáveis".

Quando vier a ser tomada tal medida, permito-me fazer a observação, já o estará sendo com um irrecuperável atraço histórico. Quanto mais depressa, portanto, melhor.

E já que estou tratando do Estado do Rio, Senhor Presidente, aproveito a oportunidade para um outro registro. Refiro-me ao estabelecimento de preços mínimos para o arroz produzido no Norte Fluminense, cuja safra será adquirida pelo Banco do Brasil — que financiará também a sacaria.

O produto vai ser armazenado nos galpões da CIBRAZA, em São Fidelis, Pádua, Itacoara, Miracema, Itaperuna e Campos.

Esse financiamento dos rizicultores de meu Estado, Senhor Presidente, além de protegê-los contra a especulação e contra o aviltamento dos preços — é medida de implicações econômicas benéficas para toda a região produtora e atrai para o Banco do Brasil e para o Governo da República a simpatia e o aplauso de toda uma coletividade laboriosa, da qual me faço neste momento o porta-voz voluntário procedendo nesta Casa, prazerosamente, a este registro.

.....

.....

## ATA DAS COMISSÕES

### COMISSÃO DOS ESTADOS PARA ALIENAÇÃO E CONCESSÃO DE TERRAS PÚBLICAS E PovoAMENTO

#### 1.ª REUNIÃO DE INSTALAÇÃO, REALIZADA NO DIA 15 DE ABRIL DE 1970

As 16 horas do dia 15 de abril de 1970, na Sala das Comissões, presentes os Srs. Senadores Moura Andrade, Antônio Carlos, Waldemar Alcântara, Guido Mondin, José Cândido, Ruy Carneiro, Antônio Balbino e Argemiro de Figueiredo, reúne-se a Comissão dos Estados para Alienação e Concessão de Terras Públicas e Povoamento.

De acordo com o que preceitua o parágrafo terceiro do artigo oitenta e um, do Regimento Interno, assume a Presidência o Sr. Senador Argemiro de Figueiredo, que declara instalados os trabalhos da Comissão.

A fim de cumprir dispositivo regimental, o Sr. Presidente declara que irá proceder à eleição do Presidente e do Vice-Presidente.

Distribuídas as cédulas, o Sr. Presidente designa para escrutinador o Sr. Senador Waldemar Alcântara.

Procedida a eleição, verifica-se o seguinte resultado:

**Para Presidente:**

Senador Moura Andrade ..... 7 votos  
Senador Waldemar Alcântara ..... 1 voto

**Para Vice-Presidente:**

Senador José Cândido ..... 7 votos  
Senador Antônio Carlos ..... 1 voto

São declarados eleitos, respectivamente, Presidente e Vice-Presidente, os Srs. Senadores Moura Andrade e José Cândido.

Assume a Presidência o Sr. Senador Moura Andrade, que agradece a escolha do seu nome para exercer tão alta função.

A seguir, o Sr. Presidente comunica que as reuniões ordinárias da Comissão serão realizadas às quintas-feiras, às 16 horas, na Sala da Comissão de Constituição e

Justiça, e mantém na Comissão, para exercer as funções de Secretária, a Oficial Legislativo, PL-5, Maria Helena Bueno Brandão.

Nada mais havendo a tratar, encerra-se a Reunião, lavrando eu, Maria Helena Bueno Brandão, Secretária, a presente Ata que, depois de lida e aprovada será assinada pelo Sr. Presidente e demais membros presentes.

— Moura Andrade — Argemiro de Figueiredo — José Cândido — Guido Mondin — Ruy Carneiro — Antônio Carlos — Antônio Balbino.

### COMISSÃO DE PROJETOS DO EXECUTIVO

#### 2.ª REUNIÃO, REALIZADA EM 14 DE ABRIL DE 1970

As dezesseis horas do dia quatorze de abril do ano de mil novecentos e setenta, na Sala da Comissão de Finanças, sob a Presidência do Senhor Senador Waldemar Alcântara, presentes os Senhores Senadores Raul Giuberti, Ruy Carneiro, Carlos Lindenberg, José Ermírio, José Leite e Guido Mondin, reúne-se a Comissão de Projetos do Executivo.

Deixaram de comparecer, com causa justificada, os Senhores Senadores Daniel Krieger, Antônio Carlos, Mem de Sá, Eurico Rezende, Carvalho Pinto e Aurélio Vianna.

É dispensada a leitura da Ata da Reunião anterior e, em seguida, aprovada.

O Senhor Presidente concede a palavra ao Senhor Senador Raul Giuberti que emite parecer favorável ao Projeto de Lei da Câmara n.º 1, de 1970, que estende aos ocupantes interinos de cargos de Tesouraria, amparados pelo art. 50 da Lei n.º 4.242, de 17 de julho de 1963, o disposto no art. 1.º do Decreto-Lei n.º 146, de 3 de fevereiro de 1967.

O parecer é aprovado, por unanimidade, pela Comissão.

Nada mais havendo a tratar, encerra-se a Reunião, lavrando eu, Hugo Rodrigues Figueiredo, Secretário ad hoc, a presente Ata que, uma vez aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente.

M E S A		LIDERANÇA DO GOVERNO
<b>Presidente:</b> João Cleofas (ARENA — PE)	<b>4º-Secretário:</b> Manoel Villaça (ARENA — RN)	<b>Líder:</b> Filinto Müller (ARENA — MT)
<b>1º-Vice-Presidente:</b> Wilson Gonçalves (ARENA — CR)	<b>1º-Suplente:</b> Sebastião Archer (MDB — MA)	<b>Vice-Líderes:</b> Petrônio Portella (ARENA — PI) Eurico Rezende (ARENA — ES) Antônio Carlos (ARENA — SC) Guido Mondin (ARENA — RS)
<b>2º-Vice-Presidente:</b> Lino de Mattos (MDB — SP)	<b>2º-Suplente:</b> Sigefredo Pacheco (ARENA — PI)	<b>DO MDB</b>
<b>1º-Secretário:</b> Fernando Corrêa (ARENA — MT)	<b>3º-Suplente:</b> Domicio Gondim (ARENA — PE)	<b>Líder:</b> Aurélio Vianna (GS)
<b>2º-Secretário:</b> Edmundo Levi (MDB — AM)	<b>4º-Suplente:</b> José Feliciano (ARENA — GO)	<b>Vice-Líderes:</b> Adalberto Sena (AC) Bezerra Neto (MT)

## COMISSÕES

<b>Agricultura</b> ARENA <i>Titulares</i> Flávio Brito Ney Braga Atílio Fontana Teotônio Vilela Milton Trindade <i>Suplentes</i> Benedicto Valladares José Guiomard Júlio Leite Menezes Pimentel Clodomir Millet MDB <i>Titulares</i> José Ermírio Argemiro de Figueiredo <i>Suplentes</i> Aurélio Vianna Nogueira da Gama	<b>Assuntos da Associação Latino-Americana de Livre Comércio — ALALC</b> ARENA <i>Titulares</i> Arnon de Mello Antônio Carlos Mello Braga Vasconcelos Tôrres Mem de Sá <i>Suplentes</i> Júlio Leite Eurico Rezende Benedicto Valladares Carvalho Pinto Filinto Müller MDB <i>Titulares</i> Aurélio Vianna Adalberto Sena <i>Suplente</i> Pessoa de Queiroz	<b>MDB</b> <i>Titulares</i> Antônio Balbino Bezerra Neto Josaphat Marinho <i>Suplentes</i> Argemiro de Figueiredo Nogueira da Gama Aurélio Vianna	<b>Teotônio Vilela</b> Ney Braga Atílio Fontana Cattete Pinheiro Duarte Filho <i>Suplentes</i> José Leite Filinto Müller Antônio Carlos Petrônio Portella Eurico Rezende Arnon de Mello Flávio Brito Milton Trindade
<b>Ajustes Internacionais e de Legislação sobre Energia Atômica</b> ARENA <i>Titulares</i> Arnon de Mello José Leite Benedicto Valladares Vasconcelos Tôrres Teotônio Vilela <i>Suplentes</i> Mello Braga José Guiomard Adolpho Franco Lobão da Silveira Victorino Freire MDB <i>Titulares</i> Nogueira da Gama Josaphat Marinho <i>Suplentes</i> José Ermírio Júlio Leite	<b>Constituição e Justiça</b> ARENA <i>Titulares</i> Petrônio Portella Milton Campos Antônio Carlos Carvalho Pinto Eurico Rezende Guido Mondin Carlos Lindenberg Arnon de Mello Clodomir Millet Moura Andrade <i>Suplentes</i> Mem de Sá Benedicto Valladares Júlio Leite Milton Trindade Adolpho Franco Filinto Müller Dinarte Mariz Flávio Brito Vasconcelos Tôrres	<b>Distrito Federal</b> ARENA <i>Titulares</i> Dinarte Mariz Eurico Rezende Petrônio Portella Atílio Fontana Júlio Leite Clodomir Millet Guido Mondin Antônio Fernandes <i>Suplentes</i> Benedicto Valladares Mello Braga Teotônio Vilela José Leite Mem de Sá Filinto Müller Menezes Pimentel Waldemar Alcântara MDB <i>Titulares</i> Aurélio Vianna Adalberto Sena <i>Suplentes</i> Bezerra Neto Argemiro de Figueiredo	<b>Educação e Cultura</b> ARENA <i>Titulares</i> Eurico Rezende Ney Braga Duarte Filho Guido Mondin Cattete Pinheiro <i>Suplentes</i> Benedicto Valladares Waldemar Alcântara Teotônio Vilela Antônio Carlos Raul Giuberti
		<b>Economia</b> ARENA <i>Titulares</i> Mem de Sá Carlos Lindenberg Aurélio Vianna	<b>MDB</b> <i>Titulares</i> Adalberto Sena Antônio Balbino <i>Suplente</i> Ruy Carneiro

## Estados para Alienação e Concessão de Terras Públicas e Povoamento

ARENA

## Titulares

Moura Andrade  
Antônio Carlos  
Waldemar Alcântara  
Milton Trindade  
Flávio Brito  
Guido Mondin  
José Cândido  
Eurico Rezende

## Suplentes

José Guiomard  
Filinto Müller  
Lobão da Silveira  
Victorino Freire  
Petrônio Portella  
Raul Giuberti  
Daniel Krieger  
Guido Mondin

MDB

## Titulares

Ruy Carneiro  
Antônio Balbino  
Argemiro de Figueiredo

## Suplentes

Adalberto Sena  
José Ermírio

## Finanças

ARENA

## Titulares

Carvalho Pinto  
Cattete Pinheiro  
Mem de Sá  
José Leite  
Moura Andrade  
Clodomir Millet  
Adolpho Franco  
Raul Giuberti  
Júlio Leite  
Waldemar Alcântara  
Vasconcelos Tôrres  
Atílio Fontana  
Dinarte Mariz

## Suplentes

Carlos Lindenberg  
Teotônio Vilela  
José Guiomard  
Daniel Krieger  
Petrônio Portella  
Milton Trindade  
Antônio Carlos  
Benedicto Valladares  
Mello Braga  
Flávio Brito  
Filinto Müller  
Duarte Filho  
Eurico Rezende

MDB

## Titulares

Argemiro de Figueiredo  
Bezerra Neto  
Pessoa de Queiroz  
José Ermírio

## Suplentes

Oscar Passos  
Josaphat Marinho  
Aurélio Vianna  
Nogueira da Gama

## Indústria e Comércio

ARENA

## Titulares

Flávio Brito  
Milton Trindade  
Adolpho Franco  
Teotônio Vilela  
Mem de Sá

## Suplentes

Júlio Leite  
José Cândido  
Mello Braga  
Arnon de Mello  
Clodomir Millet

MDB

## Titulares

Antônio Balbino  
José Ermírio

## Suplentes

Ruy Carneiro  
Bezerra Neto

## Legislação Social

ARENA

## Titulares

Adolpho Franco  
Victorino Freire  
Atílio Fontana  
Mello Braga  
Júlio Leite

## Suplentes

Celso Ramos  
Milton Trindade  
José Leite  
Raul Giuberti  
Duarte Filho

MDB

## Titulares

Josaphat Marinho  
Aurélio Vianna

## Suplente

Argemiro de Figueiredo

## Minas e Energia

ARENA

## Titulares

Antônio Carlos  
José Leite  
Celso Ramos  
Benedicto Valladares  
Carlos Lindenberg

## Suplentes

Mello Braga  
José Guiomard  
Teotônio Vilela  
Guido Mondin  
Victorino Freire

## MDB

## Titulares

Josaphat Marinho  
José Ermírio

## Suplente

Oscar Passos

## Polígono das Sêcas

ARENA

## Titulares

Clodomir Millet  
Antônio Fernandes  
Arnon de Mello  
Duarte Filho  
Menezes Pimentel

## Suplentes

Teotônio Vilela  
José Leite  
Waldemar Alcântara  
Dinarte Mariz  
Carlos Lindenberg

MDB

## Titulares

Ruy Carneiro  
Argemiro de Figueiredo

## Suplentes

Aurélio Vianna  
Adalberto Sena

## Projetos do Executivo

ARENA

## Titulares

Daniel Krieger  
Raul Giuberti  
Antônio Carlos  
Carlos Lindenberg  
Mem de Sá

## Suplentes

Eurico Rezende  
Waldemar Alcântara  
Carvalho Pinto

## Suplentes

Adolpho Franco  
Petrônio Portella  
José Leite  
Ney Braga  
Milton Campos  
Filinto Müller  
Guido Mondin  
José Guiomard

MDB

## Titulares

José Ermírio  
Aurélio Vianna

## Suplente

Antônio Balbino

## Redação

ARENA

## Titulares

Benedicto Valladares  
Cattete Pinheiro  
Antônio Carlos  
Mem de Sá

## Suplentes

Filinto Müller  
Clodomir Millet  
José Leite  
Raul Giuberti

MDB

## Titular

Nogueira da Gama

## Suplente

Aurélio Vianna

## Relações Exteriores

ARENA

## Titulares

Gilberto Marinho  
Filinto Müller  
Waldemar Alcântara  
Antônio Carlos  
Mem de Sá  
Ney Braga  
Milton Campos  
Moura Andrade  
Mello Braga  
Arnon de Mello  
José Cândido

## Suplentes

Carvalho Pinto  
Carlos Lindenberg  
Adolpho Franco  
Petrônio Portella  
José Leite

MDB

## Titulares

Pessoa de Queiroz  
Aurélio Vianna  
Oscar Passos  
Bezerra Neto

## Suplentes

Josaphat Marinho  
Antônio Balbino

## Saúde

ARENA

## Titulares

Cattete Pinheiro  
Duarte Filho  
Waldemar Alcântara  
José Cândido  
Raul Giuberti

## Suplentes

Júlio Leite  
Milton Trindade  
José Leite  
Flávio Brito  
Vasconcelos Tôrres

MDB

## Titulares

Adalberto Sena  
Bezerra Neto

## Suplentes

Nogueira da Gama  
Ruy Carneiro

Segurança Nacional	Serviço Público Civil	Transportes, Comunicações e Obras Públicas	Valorização da Amazônia
<b>ARENA</b>	<b>ARENA</b>	<b>ARENA</b>	<b>ARENA</b>
<i>Titulares</i>	<i>Titulares</i>	<i>Titulares</i>	<i>Titulares</i>
Victorino Freire	Carlos Lindenberg	Celso Ramos	Clodomir Millet
José Guiomard	Arnon de Mello	Arnon de Mello	José Guiomard
Ney Braga	Victorino Freire	Vasconcelos Tôrres	Lobão da Silveira
José Cândido	José Guiomard	José Guiomard	Flávio Brito
Gilberto Marinho	Raul Giuberti	José Leite	Milton Trindade
<i>Suplentes</i>	<i>Suplentes</i>	<i>Suplentes</i>	<i>Suplentes</i>
Mello Braga	Celso Ramos	Atílio Fontana	José Cândido
Atílio Fontana	Petrônio Portella	Eurico Rezende	Filinto Müller
Filinto Müller	Eurico Rezende	Carlos Lindenberg	Duarte Filho
Dinarte Mariz	Menezes Pimentel	Lobão da Silveira	Dinarte Mariz
Celso Ramos	Mem de Sá	Guido Mondin	Cattete Pinheiro
<b>MDB</b>	<b>MDB</b>	<b>MDB</b>	<b>MDB</b>
<i>Titulares</i>	<i>Titulares</i>	<i>Titulares</i>	<i>Titulares</i>
Oscar Passos	Ruy Carneiro	Bezerra Neto	Oscar Passos
Aurélio Vianna	Adalberto Sena	Pessoa de Queiroz	Adalberto Sena
<i>Suplente</i>	<i>Suplente</i>	<i>Suplente</i>	<i>Suplente</i>
Argemiro de Figueiredo	Pessoa de Queiroz	Ruy Carneiro	Aurélio Vianna

## ASSINATURAS DO

## DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

(SEÇÃO II)

devem ser solicitadas, diretamente, ao

## SERVIÇO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

Praça dos Três Poderes  
 Caixa Postal 1503  
 Brasília, DF

OS PEDIDOS DEVEM SER ACOMPANHADOS DE CHEQUE VISADO, ORDEM DE PAGAMENTO OU VALE POSTAL, PAGÁVEIS EM BRASÍLIA, A FAVOR DO SERVIÇO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL.

## PREÇOS DAS ASSINATURAS:

## Via Superfície:

Semestre: NCr\$ 20,00  
 Ano: NCr\$ 40,00

## Via Aérea:

Semestre: NCr\$ 40,00  
 Ano: NCr\$ 80,00

COLEÇÃO DE **DECRETOS - LEIS**  
(GOVERNO CASTELLO BRANCO)

E

**LEGISLAÇÃO CORRELATA**

N.os 1 A 318

(OBRA ELABORADA PELA DIRETORIA DE INFORMAÇÃO LEGISLATIVA, COMPOSTA E IMPRESSA PELO SERVIÇO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL)

(4 VOLUMES EM UM TOTAL DE 2.096 PÁGINAS)

PREÇO DA OBRA COMPLETA

EM BROCHURA: NCr\$ 40,00 — ENCADERNADA: NCr\$ 80,00

**PLANO DE TRABALHO**

1) LEGISLAÇÃO CITADA

Após o texto do decreto-lei é transcrita a legislação citada, compreendendo os dispositivos alterados, revogados ou simplesmente mencionados.

Na primeira coluna (entre parênteses): o artigo, parágrafo, inciso ou alínea do decreto-lei em que é citada a norma legal.

A seguir, a lei (decreto, decreto-lei ou dispositivo constitucional) citada (emenda e data de publicação).

Se a referência é feita a determinado artigo, este é transscrito.

Para melhor compreensão, são fornecidas em notas todas as normas a que são feitas remissões. Inúmeras vezes foram necessárias **notas de notas**, num verdadeiro **encadeamento de legislação**, que só finda quando a matéria está suficientemente esclarecida.

Sempre que necessário, divulgamos também os textos de Resoluções ou Portarias citadas, como, por exemplo, a Portaria n.º 729/62, do Presidente da NOVACAP, a que se refere o Decreto-Lei n.º 274/67.

Evitamos transcrever dispositivos dos decretos-leis do Presidente Castello Branco, de vez que sua consulta pode ser feita facilmente nesta obra, parecendo-nos, portanto, dispensável repeti-los na legislação citada.

**NOTA:** Todos os pedidos devem vir acompanhados de cheque visado, ordem de pagamento ou vale postal, pagáveis em Brasília, a favor do

Em primeira leitura, as notas parecerão falhas, já que, algumas vezes, não seguem rigorosamente a ordem numérica. A alteração na seqüência das notas foi necessária na composição gráfica, que, para facilitar a consulta, colocou, sempre que possível, as notas nos rodapés das páginas em que são feitas as citações. Os tipos usados na impressão distinguem com exatidão as citações e remissões.

2) LEGISLAÇÃO POSTERIOR

Compreende as alterações e regulamentações dos decretos-leis, assim como as remissões que lhes são feitas, em legislação emanada após sua expedição.

Na primeira coluna: a lei, decreto — ou decreto-lei (número e data de publicação) posterior ao decreto-lei e que a ele se refere.

Na segunda coluna: é explicitado se se trata de alteração, regulamentação ou simples citação.

Quando apenas um dispositivo da lei posterior se refere ao decreto-lei, é determinado qual o artigo em que é feita a remissão.

Da mesma forma, se apenas um (ou mais) dispositivo do decreto-lei é alterado, regulamentado ou referido, este dispositivo é determinado.

**SERVIÇO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL**

Praça dos Três Poderes

Caixa Postal 1.503

Brasília — DF.